

# NARRATIVA, EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA E CRISE DAS HUMANIDADES: COMO AMADOU HAMPATE BA PODE NOS AJUDAR?<sup>1</sup>

Suleimane Alfa Bá<sup>2</sup>

## RESUMO

O artigo versa sobre a discussão acerca das narrativas e educação democrática, partindo inicialmente da alerta da filósofa Martha Nussbaum a partir do seu livro “Sem fins Lucrativos: porque a democracia precisa das humanidades” sobre como uma perspectiva estreita e equivocada do desenvolvimento tem justificado a adoção de um modelo tecnicista de educação, inspirado em padrões de administração empresarial que se justificaria no objetivo de gerar crescimento ao curto prazo. Tomamos as reflexões de Amadou Hampate Bá como mote de análise para mostrar como as narrativas tradicionais africanas são fundamentais na construção de uma educação voltada ao desenvolvimento de cidadania democrática. O trabalho visa, descrever, analisar e mostrar os limites da proposta narrativa da educação democrática de Nussbaum e recontextualiza-la para uma perspectiva africana.

**Palavras-chave:** Democracia e Educação - Brasil. Narrativa (Retórica). Nussbaum, Martha - Crítica e interpretação. Tradição oral - Brasil - Influências africanas.

## ABSTRACT

Article article on discussion of narratives and democratic education, starting Martha Nussbaum's video alert alert from her book " Nonprofit: Why Democracy Needs the Humanities " on How a Positive and Misguided Perspective of Development Has Justified to adopt a technical model of education, inspired by business management standards that justifies no goal of generating short-term growth. We take as reflections of Amadou Hampate Bá as a motto of analysis to show how traditional African narratives are fundamental in the construction of an education focused on the development of democratic citizenship. The paper aims, describes, analyzes and shows the limits of Nussbaum's narrative proposal of democratic education and recontextualizes it to an African perspective.

**Keywords:** Democracy and Education - Brazil. Narrative (Rhetoric). Nussbaum, Martha - Criticism and interpretation. Oral tradition - Brazil - African influences.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Carvalho Lopes.

<sup>2</sup> Bacharel em Humanidades, Especialista em Gestão Pública e graduando em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB.

## **1 INTRODUÇÃO**

A Narrativa significa, de acordo dicionário de filosofia, uma história, o relato de uma sequência de acontecimentos. (MAUTNER, 1996,1997. p.517)

O presente trabalho é uma pesquisa de revisão bibliográfica que segue o procedimento de recontextualização e redescrição de acordo com a perspectiva poética -pragmatista de Richard Rorty (1997).

Partimos inicialmente da alerta da filósofa Martha Nussbaum a partir do seu livro “Sem fins lucrativos: Por que a democracia precisa das humanidades” em que descreve como uma perspectiva estreita e equivocada sobre desenvolvimento tem justificado a adoção de um modelo tecnicista de educação, inspirado em padrões de administração empresarial, que se justificaria no objetivo de gerar crescimento de curto prazo.

O desenvolvimento da pesquisa constitui-se a partir de três importantes subtópicos (1) O diagnóstico da crise das ciências humanas; (2) A proposta de educação democrática de Martha Nussbaum e (3) Limitações da proposta de Nussbaum e as contribuições do Amadou Hampatê Bâ. Deste modo, estudo objetiva descrever, analisar e mostrar os limites da proposta narrativa da educação democrática de Nussbaum e recontextualiza-la para uma perspectiva africana.

Neste sentido, entendemos que perspectiva do Hampatê Bâ pode complementar a proposta da Martha Nussbaum na medida em que ela não leva em consideração outras formas de produção de conhecimentos relevantes para o desenvolvimento da cidadania democrática.

## **2 O DIAGNOSTICO DA CRISE DAS CIÊNCIAS HUMANAS**

Para melhor diagnosticarmos a existência da crise em ciências humanas, faz-se necessário ilustrar, inicialmente, alguns acontecimentos desencadeados pelos

Estados/governos e pelas instituições de ensino que sinalizam uma certa desvalorização (que gera crise) de Humanidades nos currículos escolares.

Para isso, é importante ressaltar que, essa desvalorização a que se refere, ela se dá de diferentes formas, não apenas pela redução do espaço das humanidades no currículo, mas também, há uma outra forma mais drástica em que ocorre a mesma, por meio da redução de recursos. Ou seja, a corte nos investimentos relacionados a área de humanas em favor de uma progressiva política educacional voltada para ciência e tecnologia com objetivo de incentivar a produção e consequente geração de capital econômico.

A propósito, Nussbaum (2009) destaca que:

Em Março de 2006, o Reitor de Harvard, Lawrence Summers, (agora ex-Reitor) viaja para a Índia para dirigir um evento de três dias chamado "Harvard na Índia." Summers é bem conhecido nos Estados Unidos por denegrir as humanidades, cujo papel no currículo tentou reduzir, e, sobretudo, por sua oposição ao estudo do raciocínio ético, que tentou remover completamente do currículo básico da graduação. Seu objetivo foi, consistentemente, fortalecer a parte do currículo dedicado à ciência e à tecnologia. (Nussbaum, 2009, p.2)

Ao fazer essa referência a representante de uma das mais prestigiada instituição do ensino superior dos nossos tempos e, sediada em um dos países mais desenvolvidos<sup>3</sup> do primeiro mundo, Martha Nussbaum, uma cosmopolita e autora de um “manifesto<sup>4</sup>” lançado a propósito do “debate da política educacional durante o governo Obama” nos Estados Unidos de América que, em sua essência “relaciona um conjunto significativo de problemas educacionais contemporâneos(NUSSBAUM 2015:p.x)” já demonstrava antes a sua preocupação perante essa ideia precipitada do crescimento econômico. Que justificaria adoção de mudanças de perspectivas educacionais em diferentes países e instituições de ensino para um modelo tecnicista educação, visando resultados ao curto prazo. O que, em suas reflexões a mesma designa de uma “tendência de reduzir a educação, desde os primeiros anos da escola até a

---

<sup>3</sup> Divulgado em Setembro de 2018, dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) lista os países mais desenvolvidos do mundo no qual, os Estados Unidos figura na 13º posição. Ver ([https://www.suapesquisa.com/pesquisa/paises\\_mais\\_desenvolvidos.htm](https://www.suapesquisa.com/pesquisa/paises_mais_desenvolvidos.htm))

<sup>4</sup> Livro “Sem fins lucrativos: porque a democracia precisa das Humanidades.

universidade, a um processo de capacitação para o negócio e à contribuição para o PIB per capita da nação (Nussbaum, 2015: p.x)”.

Como se percebe, a preocupação da Nussbaum parte, essencialmente, do diagnóstico da crise das humanidades provocadas por uma certa concepção equivocada e problemática do desenvolvimento. Esta que, em sua forma e intensidade se faz sentir de modo significativo (embora diferenciado) não apenas no contexto americano, mas também em outros contextos. Principalmente onde há uma predominância do sistema capitalista, como no caso do Brasil e de alguns países do continente africano, Angola em específico. A realidade angolana neste caso, servirá de mote para mostrarmos como estes propósitos e negativas narrativas (como veremos mais adiante) que se criou em torno das humanidades impactam de modo significativo no processo de construção de mecanismos que viabilizem a consolidação de democracia no mesmo.

Entretanto, em uma matéria publicada no portal “Amcham Brasil”, destacou-se que, Barak Obama, ex-presidente dos Estados Unidos de América, no discurso<sup>5</sup> de Estado da União em seu segundo mandato na presidência (2013), ao se tratar das “diretrizes de sua administração para economia, relações exteriores e comércio” salientou que, como proposta para a formação de jovens com maiores qualificações, “as escolas de ensino superior precisavam fazer mais parcerias com empresas, de modo a criar currículos reforçados por disciplinas científicas – tecnologia, engenharia e matemática( AMCHAM, 2013)”. Em sua perspectiva, de acordo a notícia, “dominar essas competências é importante para os empregos atuais e do futuro”.

Em certo sentido, essa concepção da educação que objetiva o desenvolvimento e idealizada neste contexto pela administração Obama, corrobora, de certa forma, com a alerta feita pela Nussbaum no seu manifesto quando afirmara que “incentivo ao lucro sugere a muitos líderes ansiosos que a ciência e a tecnologia têm uma importância decisiva para o futuro e bem-estar de seus países” (NUSSBAUM, 2009, p.8).

---

<sup>5</sup> Ver (<https://www.amcham.com.br/noticias/comercio-exterior/barack-obama-defende-avancos-em-inovacao-educacao-geracao-de-empregos-e-infraestrutura-em-discurso-do-estado-da-uniao>)

A semelhança das propostas do Obama (embora diferente em ação como anteriormente pontuamos) no Brasil, em 2019, o governo travou ações de cortes nos investimentos na educação como já mais é vista na história do país. E, curiosamente, a área mais afetada pelas cortes são as das ciências humanas que, no entendimento do atual executivo, não teria um impacto significativo na produção e no desenvolvimento econômico do país.

Ora, partindo desses pressupostos, é possível compreender que a área<sup>6</sup> entrou em um colapso de proporções históricas no Brasil e, acirram cada vez mais o debate sobre a existência de uma crise nas humanidades. Uma crise que aqui analisaremos de duas formas e em contextos diferentes como: a crise silenciosa e uma crise barulhenta.

Devido ao seu impacto imediato no funcionamento das instituições do ensino e na vida dos educadores e pesquisadores<sup>7</sup> atuantes, crise barulhenta neste caso tem como o principal fator fundante ações do governo brasileiro para com as áreas de humanas.

**Figura 1** - Imagem retirada da internet, no portal de notícias "o Globo"



A imagem da Figura 1 é o registro de uma reportagem do portal “o Globo”, publicado no dia 27 de abril de 2019 e assinado pela jornalista Paula Ferreira e Renato

<sup>6</sup> De humanas

<sup>7</sup> “Hoje, levando em consideração apenas a área da pesquisa científica, dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) mostram que os valores para bolsas em Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas — R\$ 225,5 milhões — não conseguem alcançar o montante de R\$ 244,9 milhões investidos em Ciências Exatas e da Terra, área que mais recebe recursos do governo. O cálculo leva em consideração apenas valores destinados ao benefício, já que as agências não informaram ao GLOBO as verbas destinadas a projetos e custeio de laboratórios”, ver (<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/atacadas-por-bolsonaro-ciencias-humanas-sociais-ja-recebem-menos-recurso-para-bolsas-do-que-area-de-exatas-23626458>)

Grandelle. Segundo a notícia, o presidente brasileiro, fazendo jus a essas políticas de cortes liderada pelo atual ministro da educação, escreveu numa publicação em uma rede social que:

O ministro da Educação (Abraham Weintraub) estuda descentralizar investimento em faculdades de filosofia e sociologia (humanas). [...] o objetivo é focar em áreas que gerem retorno imediato ao contribuinte, como: veterinária, engenharia e medicina. (FERREIRA e GRANDELLE, 2019)

Ao ser indagada em uma entrevista<sup>8</sup> sobre o posicionamento do presidente brasileiro e das ações do Ministro da Educação sobre as cortes, Judith Butler, uma renomada “escritora e filósofa americana” salientou que “se as universidades se voltarem exclusivamente para as habilidades técnicas ou dedicadas à promoção de interesses de mercado, elas perdem sua missão de dar aos alunos um amplo senso de História, de debater os valores e apresentar pontos de vista respaldados por evidências”. (FURLANETO, 2019)

Posto isso, nos associamos neste sentido aos argumentos da Nussbaum (2015) como embasamento para mostrar o desenrolar da crise que denominamos de siliciosa das humanidades, e de como ela impacta no campo de construção de conhecimentos significativos como fatores importantes para o processo de consciencialização de cidadania democrática, no contexto africano, especificamente, no caso da Angola.

De acordo Nussbaum (2015, p.3)

Estamos em meio de uma crise de enormes proporções e de grave significado global[...] não me refiro à crise econômica global que começou em 2008[...] refiro-me a uma crise que, no longo prazo, provavelmente será muito mais prejudicial para o futuro dos governos democráticos: uma crise mundial da educação.

Na prática, esta crise da educação que afeta de forma direta a área de humanas e, como consequência também acabam por atingir os valores democráticos, já se fazia presente no contexto Angolano. A democracia angolana assim como de muitos países do continente africano é recente. Não trataremos no presente artigo de fazer uma

---

<sup>8</sup> Ver ([https://oglobo.globo.com/sociedade/negar-as-ciencias-humanas-nos-deixa-deriva-num-mundo-movido-por-forcas-economicas-diz-judith-butler-23647897?fbclid=IwAR3Vg8mp4gxvY6vnXYfyET\\_KY9PwMT8j1IGOHYncZQjS3qhrQJullog2vsw](https://oglobo.globo.com/sociedade/negar-as-ciencias-humanas-nos-deixa-deriva-num-mundo-movido-por-forcas-economicas-diz-judith-butler-23647897?fbclid=IwAR3Vg8mp4gxvY6vnXYfyET_KY9PwMT8j1IGOHYncZQjS3qhrQJullog2vsw))

contextualização histórica do processo político e democrático em Angola, no entanto, daremos ênfase a um período que marca o início do regime “democrático” no país.

Para o NGULUVE (2006, p.37),

ao analisar o contexto social e político que a Angola apresenta[...] a que incluímos a questão atinentes aos aspectos financeiros da educação, ao crescimento e desenvolvimento econômico, à democracia e garantia do direito à educação enquanto aspectos fundamentais para a melhoria de “condições” de vida social.

Tratando-se dos aspectos democráticos, em específico, é de deveras impotência salientar que, o primeiro presidente “democraticamente” eleito de Angola ficou no poder durante 25 anos, se contados os anos do seu mandato no momento em que no país eram por vias de eleições parlamentares( período do seu primeiro mandato) é que se elegia o presidente, totalizaria 38 anos até a sua saída em 2017. E o que esse aspecto tem haver com a desvalorização das ciências humanas?

Está é uma pergunta que requer uma minuciosa e detalhada resposta, no entanto, destacaremos um fator que é fundamental neste processo antidemocrático de perpetuação no poder, fator econômico. Dos quais a maior parte da renda do país é proveniente da exploração de recursos naturais que é “largamente determinado pelo nível de produção de petróleo, que responde por mais de 90 por cento das exportações” e da exploração diamantes.

O executivo angolano, ao longo dos tempos, tem se dedicado intensamente a fazer cooperações e investimentos sérios na área de ciência e tecnologia para atender as demandas do mercado internacional no quesito exploração e exportação dos bem ora citados visando o desenvolvimento. Essas estratégias tem demonstrado situações preocupantes no que se refere a consolidação dos princípios democráticos e no bem-estar social dos cidadãos angolanos. Segundo Nguluve (2006, p.137),

Este de discurso de desenvolvimento do capital econômico requer, também, uma análise exaustiva pois ele pode camuflar o problema da violência constante contra a dignidade humana na medida em que o crescimento e desenvolvimento do capital econômico não reflete diretamente ao desenvolvimento social.

Nota-se que, não se pretende no presente artigo negar ou desvalorizar a importância de ciências e tecnologia no quesito desenvolvimento ou as suas contribuições para uma educação que qualifica os profissionais para o enfrentamento dos desafios sociais e do mercado. Parafraseando a Martha Nussbaum, se não se questionar, reconhecer e problematizar a crise existente nas humanidades e inerentes das perspectivas do desenvolvimento econômico

outras competências, igualmente decisivas, correm o risco de se perder no alvoroço competitivo; competências decisivas para o bem-estar interno de qualquer democracia e para a criação de uma cultura mundial generosa, capaz de tratar, de maneira construtiva dos problemas mais prementes do mundo. (NUSSBAUM, 2015, p.8)

### **3 A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA DE MARTHA NUSSBAUM**

A educação é, uma das principais formas para a construção de uma sociedade livre democrática. É um direito social e humano, embora em alguns casos, como em vários países do mundo inclusive os citados no presente artigo, não é dever um constitucional do Estado proporcionar aos cidadãos o direito a educação. Como mostra Nussbaum ao afirmar que [...] a constituição federal americana não assegure o direito a educação[...] apesar de algumas constituições estaduais o fazem (NUSSBAUM, 2015, p.12, 17).

Entretanto, apesar de serem pontuados, não é nosso objetivo tratar sobre a questão da obrigação ou não dos Estados no que tange ao direito a educação para com os seus cidadãos. O que se pretende mostrar neste tópico são, as propostas da educação democrática de Nussbaum e de quais aspectos a mesma considera serem importantes para fazer face a uma tendência educacional competitiva e voltada ao lucro e ao fenômeno do crescimento do Produto Interno Pruto (PIB).

Em um momento em que o conhecimento se torna uma mercadoria, coloca-se em causa o ideal de formação integral do homem. As artes e humanidades nesse aspecto são, de certa forma, instrumentos de mudança, que nos libertam, nos transformam, nos fazem influenciar outros indivíduos e nos permitem transcender horizontes. São mecanismos de resistência, de questionamentos e de manutenção de valores

democráticos. Citado por Nussbaum (2014, p.81), Dewey ressalta a ideia de que as artes e humanidades oferecem as crianças a oportunidade de aprenderem através da sua própria atividade criativa. Neste sentido, Nussbaum (2015) corroborando a perspectiva deweyniana, estende a sua reflexão sobre destacando que, Humanidades e as artes contribuem tanto para desenvolvimento das crianças pequenas em suas brincadeiras quanto para o desenvolvimento dos estudantes universitários (NUSSBAUM, 2015, p.xvi)''.

Portanto, se a crise que assola as Humanidades e valores considerados fundamentais para democracias estão estritamente ligados a adoção de modelo da educação pautado pelo crescimento econômico, a proposta da Nussbaum no que concerne a matéria demonstra ser a alternativa que os regimes democráticos necessitam por serem ideais ao propósito. Ela se baseia em um modelo de crescimento econômico significativamente "comprometido como a democracia", o modelo de desenvolvimento humano.

De acordo Nussbaum (2015, p.25), nesse modelo

O importante são as oportunidades, ou "capacidades", que cada um tem em setores-chave que vão da vida, da saúde, e da integridade física à liberdade política, a participação política e a educação[...] esse modelo de desenvolvimento reconhece todos os indivíduos possuem uma dignidade humana inalienável que precisa ser respeitada pelas leis e pelas instituições. (NUSSBAUM, 2015, p.25).

Partindo destas premissas, é possível compreender que esses valores democráticos precisariam do cultivo e desenvolvimento de determinadas capacidades importantes para o exercício da cidadania democrática.

E é neste contexto que a Nussbaum (2019, p.4) apresenta três capacidades inerentes das Humanidades e As Artes por ela consideradas relevantes (1) a capacidade de pensar criticamente, (2) a capacidade de transcender lealdades locais para a abordagem de problemas mundiais assumindo a posição de um "cidadão do mundo" e, finalmente, e (3) a capacidade de imaginar simpaticamente a situação de outra pessoa.

A primeira capacidade, também valorizada pelo Robindranath Tagore<sup>9</sup> e Jawaharlal Nehru<sup>10</sup>, tem como base os “métodos” socráticos. Nela, destaca-se a ideia da crítica, autocrítica e argumentações como mecanismos que possibilitam os estudantes a viverem uma vida que o Socráticas caracteriza por “vida examinada”. É a capacidade questionar as crenças, e “toda declaração ou razão apresentada e apenas aceita aquelas que tiverem capacidades para resistir às exigências da consistência e da fundamentação que a razão impõe” (NUSSBAUM, 2014, p.77).

Para exercer esta capacidade segundo Nussbaum (2014), é preciso que haja o

desenvolvimento da capacidade do raciocínio lógico, no sentido que os cidadãos estejam aptos a verificar se aquilo que ouvem ou lêem tem na sua origem um raciocínio consistente, correto e relevante aos fatos e exatos nas opiniões. (NUSSBAUM, 2014, p.77).

A segunda capacidade da proposta da Nussbaum pede um modelo de educação multicultural, “que se adequa à vivência numa democracia pluralista” em que o respeito pelas diferenças se configura como valor que precisa ser levado em consideração.

Nussbaum (2014, p.79) argumenta que

Aqueles que cultivaram a capacidade para a vivência da cidadania democrática, terão também, e sobretudo, de ver-se a si próprios não só como cidadãos que fazem parte de um determinado grupo ou região, mas, como seres humanos que se encontram a todos os outros por laços de reconhecimentos de interesse.

É importante salientar a necessidade de se pensar multiculturalismo não de uma forma isolada, mas sim, em consonância com a interculturalidade. O que, finalmente nos leva a última proposta que também tem uma relação com as duas primeiras já apresentadas, a Imaginação Narrativa. Esta que, como sustenta Nussbaum (2014, p.81)

Cultiva-se, acima de tudo através das artes e humanidades[...] equivale à capacidade de se ser capaz de pensar como será estar na situação de outra

---

<sup>9</sup> Nobel de Literatura (1913), é um poeta, dramaturgo e romancista Indiano.

<sup>10</sup> Ex-primeiro Ministro da Índia.

peessoa, de avaliar inteligentemente a sua história, e ser capaz de compreender os sentimentos, os desejos e as esperanças de alguém que possa estar nesta situação. (NUSSBAUM 2014, p.81).

Compreende-se neste contexto, o papel e a relevância das narrativas para a construção de formas de imaginação literária que nos faça sair de nos mesmo, nos colocarmos lugar dos outros.

E, como se pode observar, Nussbaum apresenta propostas que no seu entendimento são viáveis para um modelo de educação democrática que leve em conta as artes e humanidades, são propostas que priorizam mais inclusão social e objetivam formar cidadãos menos passivos e mais críticos sobre diversas situações que condicionam sua sobrevivência e convivência no meio social em que se encontram.

#### **4 LIMITAÇÕES DA PROPOSTA DE NUSSBAUM E AS CONTRIBUIÇÕES DO AMADOU HAMPATÊ BÂ**

Neste tópico, faremos uma breve abordagem sobre as limitações das propostas da educação democrática de Nussbaum e de como elas podem ser recontextualizadas e aplicadas no contexto africano. Para isso, tomamos como ponto de partida as reflexões de Amadou Hampatê Bâ (que doravante o designaremos de Bâ) para mostrar outros modos de construção de conhecimentos significativos que visam a desenvolvimento de exercícios cidadania democrática e que podem complementar a proposta da Nussbaum.

Martha Nussbaum, ao tomar determinados contextos (Índia, Estados Unidos e Singapura) como modelos para analisar, explicar e sugerir aplicações de suas propostas, de uma forma universalista, acaba deixando para trás alguns elementos que precisariam ser tratados com intuito de evitar uma ideia desenraizada e imperialista do pensamento e das práticas educativas que não partem de perspectivas por ela reconhecidas.

Nussbaum destaca o valor pedagógico das narrativas no desenvolvimento da educação democrática, tendo em vista a ampliação de nosso horizonte de

identificação e solidariedade. A filósofa considera o valor dos romances, filmes, e prática de teatro etc. Mas, não leva em conta de modo destacado as tradições orais de contação de histórias, que tem lugar privilegiado em diversas culturas, como nas africanas na estruturação do imaginário, na socialização de valores, no desenvolvimento da empatia, no comportamento e na transmissão de conhecimentos. Deste modo, percebe-se que a valorização das narrativas das Humanidades e Artes defendida por Nussbaum já se faziam presente nas tradições orais de educação africana e, é enfatizada e praticada pelo griot fula Bâ<sup>11</sup>. Partindo desta premissa, duas questões se fazem necessárias para melhor compreendermos a perspectiva do Bâ (1) será que ele possui as capacidades necessárias para a educação democrática descrita pela Nussbaum? E (2) quais as vantagens Bâ apresenta em sua perspectiva? Bá, em sua autobiografia, “Amkoullel, o menino fula”, nos mostra como a valorização e incorporação de narrativas dentro da tradição oral africana promovem uma forma de educação que se vincula a valores ancestrais e mantendo-se aberta para singularidades. Diferenças que incluem o exercício da contação de história praticadas nas mais diversas formas de produção de conhecimentos relacionadas a diversos ofícios e modos de vida.

Para Hampatê Bâ (2015, p.171)

[...]Toda a diferença entre a educação moderna encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser.

O griot neste caso, nos faz imaginar com palavras. sem as histórias, também ficamos sem raiz.

O Bâ, assim como a Nussbaum é um cosmopolita, durante sua vida teve experiências e vivências em realidades e culturas diferentes. Austen e Soares F (2010) sustentam que “a vida e obra de Hampatê Bâ exemplificam, talvez mais explicitamente do que

---

<sup>11</sup> Segundo Ampatê Bâ, “na África, tudo é ‘História’. A grande história da vida comporta seções que serão, por exemplo: a história das terras e das águas(a geografia), a história das vegetais( a botânica e a farmacopéia), a história dos ‘filhos do seio da terra’ (a minerologia) a história dos astros(astronomia, astrologia) etc. Estes conhecimentos são sempre concretos e dão lugar a utilizações práticas. Na ordem dos conhecimentos, começa-se ‘por baixo’, pelos seres e as coisas menos desenvolvidas ou menos animadas em relação ao homem, para ‘subir’ até o homem”.

qualquer outra figura proeminente de sua geração, a ‘herança tripla’ da cultura islâmica, indígena e ocidental”.

De acordo Austen e Soares F (2010, p.133) ele

Foi uma das principais figuras intelectuais e literárias da África do século XX[...]Após uma educação formal bastante limitada - escolaridade básica do Alcorão e ensino médio francês em Soudan français ou Sudão francês (agora Mali) - e duas décadas de serviço como escriturário/intérprete da administração colonial francesa em Haute Volta (agora Burkina Faso) e Soudan, Hampâté Bâ trabalhou em toda a África Ocidental Francesa (Afrique Occidentale Française)

Como contribuição para a complementação e recontextualização da proposta de Nussbaum para o contexto africano, entendemos que Bâ apresenta quatro principais vantagens que podem complementar a proposta de Nussbaum (1) a perspectiva do Bâ contribui na valorização de uma identidade compartilhada a partir de narrativas que vinculam a comunidade com o seu passado e a sabedoria ancestral, um remédio para a para o individualismos extremo da cultura capitalista; (2) na valorização e cuidado com a palavra em seu uso, na vinculação do relato verídico com a e confiança numa sabedoria vivida e encarnada; (3) na possibilidade de valorização da línguas, práticas e conhecimentos orais dentro do ensino formal e último (4) na aproximação empática à cultura muçulmana a partir de exemplo de Bâ que segue em uma direção ecumênica e dialógica.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No artigo, fez-se o diagnóstico a partir da alerta de Nussbaum no seu livro “ Sem fins lucrativos: porque a democracia precisa de Humanidades” de que existe uma crise nas Humanidades nos últimos anos e, que ainda se verifica no contexto atual em que, cada vez mais se valoriza uma forma de educação voltada para o lucro imediato. Foi possível perceber que esta crise, em certo sentido, prejudica os valores democrático que, de acordo Nussbaum precisariam do desenvolvimento de determinadas capacidades que se configuram como importantes para a valorização de uma educação democrática que conta com o cultivo das Artes e Humanidades como modelos educacionais mais humanistas e que atendem a esse propósito.

Mostrou-se ainda que, para complementar a proposta de Nussbaum, urgia a necessidade de mesma dialogar com outros modos de produção de conhecimentos que não fazem parte de lugares tomados por ela como objetos de estudo de aplicação de suas propostas.

Portanto, é neste sentido que as perspectivas de Amadou Ampatê Bâ serviriam para a complementação da proposta da educação democrática de Nussbaum e sua contextualização para o continente africano.

Bâ afirma que (2015, p.171)

A condição mais importante de todas, porém, é saber renunciar ao hábito de julgar tudo segundo os critérios pessoais. Para descobrir um novo mundo, é preciso saber esquecer seu próprio mundo, do contrário o pesquisador estará simplesmente transportando o seu mundo consigo em vez de manter-se à escuta. (HAMPATÊ BÂ, 2015, p.171)

Deste modo, as narrativas tradicionais baseadas na oralidade podem ser utilizadas no ambiente escolar como caminho para desenvolver uma cidadania democrática que respeite a diversidade cultural, recontextualizando a proposta de Nussbaum para uma perspectiva africana. É importante salientar também que, as tradições orais ora representada por Bâ, podem ser redescritas e adaptada aos novos tempos em contextos diferentes, para que essa permaneça viva, e enaltecendo o compromisso e cuidado com a palavra que, criarão neste sentido meios para preservação e ampliação dos horizontes da cidadania democrática.

## REFERÊNCIAS

AUSTEN, A. Ralph e SOARES, F. Benjamin. Amadou Hampâté Bâ's life and work reconsidered: critical and historical perspectives. *Islamic Africa*, Vol. 1, No. 2, (Winter 2010), pp. 133-142

BÂ, Amadou Hampâté. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

BÂ, Amadou Hampâté. *A tradição viva*. *História geral da África*, v. 1, p. 167-212, 1982.

BÂ, Amadou Hampâté. A educação tradicional na África. Revista Thot, 1997, 64: 23-26..

HERMANN, Nadja. Autocriação e Horizonte Comum: ensaio sobre educação ético-estética. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. -176 p.-(Coleção fronteira da educação).

NUSSBAUM, Martha C. El conocimiento del amor: ensayo sobre filosofía y literatura. Antonio Machado Libros, 2018.

NUSSBAUM, Martha. Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades. Tradução Fernando Santos.- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

NUSSBAUM, Martha C. Educação para o lucro, Educação para a Liberdade. Revista Redescobertas–Revista online do GT de Pragmatismo de Filosofia Norte-americana, v. 1, n. 1, 2009.

NUSSBAUM, Martha C. Educação e Justiça Social. Edições Pedagogo, 2014

NGULUVE, Kapitango Alberto. POLÍTICA EDUCACIONAL ANGOLANA (1976-2005): São Paulo faculdade de educação - / 2006

MAUTNER, Thomas. Dicionário de Filosofia. -(Lexis) 1996,1997

\_\_\_\_\_.“O Pensamento de Richard Rorty e seu exemplo de vida”. Disponível em:<[http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod\\_noticia=8775&cod\\_canal=55](http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=8775&cod_canal=55)> Consultado em 21/05/2019.

FERREIRA E GRANDELLE. Atacadas por Bolsonaro, Ciências Humanas e Sociais já recebem menos recurso para bolsas do que área de Exatas, 2019. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/atacadas-por-bolsonaro-ciencias-humanas-sociais-ja-recebem-menos-recurso-para-bolsas-do-que-area-de-exatas-23626458>>. Acesso em: 10 de agosto de 2019

FURLANETO, Audrey. 'Negar as Ciências Humanas nos deixa à deriva num mundo movido por forças econômicas', diz Judith Butler, 2019 Disponível em:<[https://oglobo.globo.com/sociedade/negar-as-ciencias-humanas-nos-deixa-deriva-num-mundo-movido-por-forcas-economicas-diz-judith-butler-23647897?fbclid=IwAR3Vg8mp4gxvY6vnXYfyET\\_KY9PwMT8j1lGOHYncZQjS3qhrQJullog2vsw%20acesso%2004/06/2019](https://oglobo.globo.com/sociedade/negar-as-ciencias-humanas-nos-deixa-deriva-num-mundo-movido-por-forcas-economicas-diz-judith-butler-23647897?fbclid=IwAR3Vg8mp4gxvY6vnXYfyET_KY9PwMT8j1lGOHYncZQjS3qhrQJullog2vsw%20acesso%2004/06/2019)>. Acesso em: 08 de agosto de 2019